

PEQUENO (GRANDE) MANUAL ANTIRRACISTA

LITTLE (BIG) ANTI-RACIST HANDBOOK

Arthur Marques DE OLIVEIRA¹

RESUMO: O presente texto traz alguns direcionamentos sobre a importância do combate ao racismo e maneiras de como isso pode ser feito. Nesta resenha abarca-se, em especial, a relação entre racismo, sociedade e cultura através de um viés quali-quantitativo de informações sobre estatísticas da morte de vidas negras. Em suma, argumenta-se a busca por uma perspectiva didática para combater os efeitos do racismo estrutural em tempos de manifestações internacionais contra esse problema enraizado em diversas sociedades.

PALAVRAS-CHAVE: Antirracismo; Didática; Racismo estrutural.

ABSTRACT: This text provides some guidelines on the importance of combating racism and ways in which this can be done. This review covers the relationship between racism, society and culture through a qualitative-quantitative bias of information on statistics on the death of black lives. In short, the search for a didactic perspective is argued to combat the effects of structural racism in times of international demonstrations against this problem rooted in different societies.

KEYWORDS: Anti-racism; Didactics; Structural racism.

Pode-se dividir a importância da organização da obra aqui resenhada em dois momentos: (a) a necessidade geral da obra — geral no sentido de que todos deveriam ter acesso a esse material —, principalmente para pessoas não negras e que possuem e usufruem de privilégios que muitas vezes não sabem ou não reconhecem e (b) apresentar uma reflexão sobre formas mais eficazes de combater o racismo estrutural, um problema, também enraizado na realidade brasileira. A autoria do livro é de Djamilia Taís Ribeiro dos Santos que é filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. Atualmente, a autora é

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem e Graduando em Licenciatura em Letras PT/EN pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: arthur_marques@outlook.com.

DE OLIVEIRA, A. M.

pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo. O livro está dividido em onze lições intituladas, respectivamente: "Informe-se sobre o racismo", "Enxergue a negritude", "Reconheça os privilégios da branquitude", "Perceba o racismo internalizado em você", "Apoie políticas educacionais afirmativas", "Transforme seu ambiente de trabalho", "Leia autores negros", "Questione a cultura que você consome", "Conheça seus desejos e seus afetos", "Combata a violência racial" e "Sejamos todos Antirracistas".

Nas primeiras três lições, existem análises quantitativas e qualitativas sobre a morte da negritude no Brasil. Isso fornece à pessoa que está lendo uma lente para que ela possa enxergar e refletir sobre a realidade social da negritude no Brasil e como essa questão é tratada no mundo à nossa volta. Posto isso, para começar suas análises, Djamila relembra os estereótipos pejorativos, que foram impostos a ela desde sua infância. Por exemplo, a autora relata que não via problema em ser negra e se sentia amada por aqueles que convivia, até ter seu primeiro contato em uma instituição social entrando na escola. A autora traz alguns xingamentos (como exemplo) dirigidos a ela com apenas 6 anos, como: "Neguinha do cabelo duro" e "neguinha feia" (RIBEIRO, 2019, p. 59) e salienta que o mais preocupante disso são (a) o lugar de onde advém esses xingamentos das crianças, pois muito provavelmente ouviram de algum familiar em casa e (b) a precocidade com que uma criança sofre essa exposição ao preconceito no ambiente escolar.

No decorrer da obra, a autora apresenta também frases e ditados populares que já estão enraizados em nossa cultura, mas que exalam pensamentos racistas. E, devido ao fato de estarem imersos e serem sempre repetidos em nossa realidade, muitas vezes as pessoas não pensam sobre o verdadeiro significado ao fazer uso de certas expressões. Além disso, a autora postula que muitas pessoas negras se enxergam como 'seres inferiores', sempre buscando uma possível adequação ao que seria o 'normal', ao buscar características que os tornarão mais próximos das pessoas brancas.

Na esteira dessas ideias, Djamila abarca também o poder da língua na relação entre adjetivos e negritude, por exemplo: "[...] não se usa "o branco" para falar de homens brancos, — ou elogiar alguém dizendo "negro de alma branca", sem perceber que a frase coloca "ser branco" como característica

positiva.” (RIBEIRO, 2019, p. 52). Trazendo essa analogia, a autora mostra que relacionar adjetivos a pessoas negras pode ser muito pior quando se faz referência a mulheres. Djamila mostra que, por um viés sócio-histórico, as mulheres negras foram constantemente estupradas pelos senhores de engenho e, com o passar do tempo, uma imagem de “mulher fácil” foi socialmente instaurada, a “negra gostosa que é boa de cama e sabe sambar”. Esse tipo de comportamento, só reforça, além do racismo, o machismo estrutural, em desconstrução, mas ainda presentes em nossa sociedade.

Na metade da obra, no capítulo intitulado *Leia autores negros*, há um convite à mudança real, no qual a autora faz um pedido para que as pessoas tentem se visualizar e se autocriticar em diversas esferas e espaços sociais, como no ambiente de trabalho, escola, condomínios etc. Além disso, ela ressalta que é importante buscar respeitar a apropriação cultural, ler e acompanhar trabalhos de pessoas negras. Além desse convite, Djamila também nos presenteia com uma lista de referências bibliográficas e pequenos resumos de escritores e pesquisadores que utilizou para escrever o manual e que acredita que sejam de suma importância para que aconteça uma maior disseminação e aumento de referências negras.

No texto *Informe-se sobre o racismo*, a autora mostra haver diferentes tipos de racismo e que todos compõem o mesmo Sistema Racista, sendo necessário, para entender o racismo no Brasil, diferenciá-lo de outros acontecimentos históricos conhecidos. Desse modo, a autora defende o não tabu dos episódios e atitudes racistas, pois: “A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos — mais grave é não reconhecer e não combater essa opressão.” (RIBEIRO, 2019, p. 66). Sob essa ótica, faz-se necessário dar nome, refletir e entender o real sentido dos episódios racistas para que se possa enxergar as pessoas negras como reais sujeitos de uma sociedade desigual e dar início ao processo antirracista.

Em sua lição intitulada *Combata a violência racial*, a autora abarca novamente algumas pesquisas quantitativas sobre a questão da segurança pública e o número elevado de mortes no Brasil. Djamila salienta que essa ‘guerra às drogas’ é, na verdade, uma desculpa para a guerra à população negra,

DE OLIVEIRA, A. M.

pois dessa forma, haveria uma justificativa para qualquer comportamento abusivo da força policial sobre a comunidade negra. A autora salienta que:

É muito triste constatar que, por outro lado, o Brasil é o país onde mais morrem policiais. A maioria deles vem de classe trabalhadora, muitas vezes dos mesmos lugares onde jovens negros estão sendo assassinados. Se a polícia é o braço armado do Estado opressor, é também um dos lados que cai com essa guerra (RIBEIRO, 2019, p. 133).

Durante a leitura do último capítulo do livro é possível notar uma forte inspiração nas obras *Sejamos todos feministas* e *Para educar crianças feministas, um manifesto*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozie Adichie, que também é negra e feminista. Consegue-se notar certa aproximação nas duas obras supracitadas e na obra aqui resenhada, pois há, em todos os casos, simplicidade na escrita e fluidez para tratar de assuntos cotidianos, muitas vezes esquecidos como, preconceito de gênero, feminismo, racismo, entre outros; com vistas a mudar as atitudes e pensamento dos indivíduos sobre a organização e atitudes sociais.

A obra aqui resenhada, constitui-se em uma valiosa contribuição para a proposição de ações concretas, partindo dos sujeitos de nossa sociedade. Além disso, a obra também é um ótimo livro didático para familiarização do tema sem tom acusatório para quem nunca leu nada sobre racismo. Nesse viés, é indubitável que o processo de desconstrução do indivíduo para questões como o racismo é algo que toma tempo e demanda ações no/do cotidiano.

Vivemos em uma sociedade que caminha cada vez mais para caminhos narcisistas, extremistas e que persiste com casos de discriminações e intolerância, essa obra com seu teor informacional e didático é de extrema relevância para todos os públicos, pois, na era da internet, informação e conscientização são sempre as melhores armas contra o preconceito. Cita-se aqui Angela Davis: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”. Àqueles que se sentem confortáveis, o livro é um choque de realidade necessário, que irá instigar o leitor para realidades cruéis que grupos estigmatizados vivem diariamente, bem como indicará caminhos para que se insiram na luta, reconhecendo e renunciando a seus privilégios e combatendo desigualdades.

Como citar este artigo?

DE OLIVEIRA, Arthur Marques. Pequeno (grande) manual antirracista. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 419-423, 2022.

Referências

ADICHIE, C. *Para educar crianças feministas, um manifesto*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Tradução de Denise Bottman).

ADICHIE, C. *Sejamos todos feministas*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (Tradução de Christina Baum).

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.